

Estética, multiculturalismo e decolonialidade¹

Nasheli Jiménez del Valle

UNAM

Tradução:

Marcos de Jesus Oliveira

UNILA

¹ Originalmente publicado na *Revista de Estudios Globales y Arte Contemporáneo*, v. 1, n. 1, p. 141-149, 2013. Agradecemos à autora que autorizou a publicação.

Estética, multiculturalismo e decolonialidade

Resumo:

O texto apresenta duas abordagens não-eurocêntricas de teorizar a estética, quais sejam, a) a estética policêntrica de Ella Shohat e Robert Stam, e b) a estética decolonial de Walter D. Mignolo. Após discutir cada um dos dois projetos teóricos, a autora estabelece um diálogo entre ambos, encontrando pontos de convergência e divergência entre eles.

Palavras-chaves: estética; estética policêntrica; estética decolonial; multiculturalismo.

Aesthetics, multiculturalism, and decoloniality

Abstract:

The text presents two non-Eurocentric approaches to theorizing aesthetics, namely, a) the polycentric aesthetics of Ella Shohat and Robert Stam, and b) the decolonial aesthetics of Walter D. Mignolo. After discussing the two theoretical projects individually, the author establishes a dialogue between each other, finding points of convergence and divergence between them.

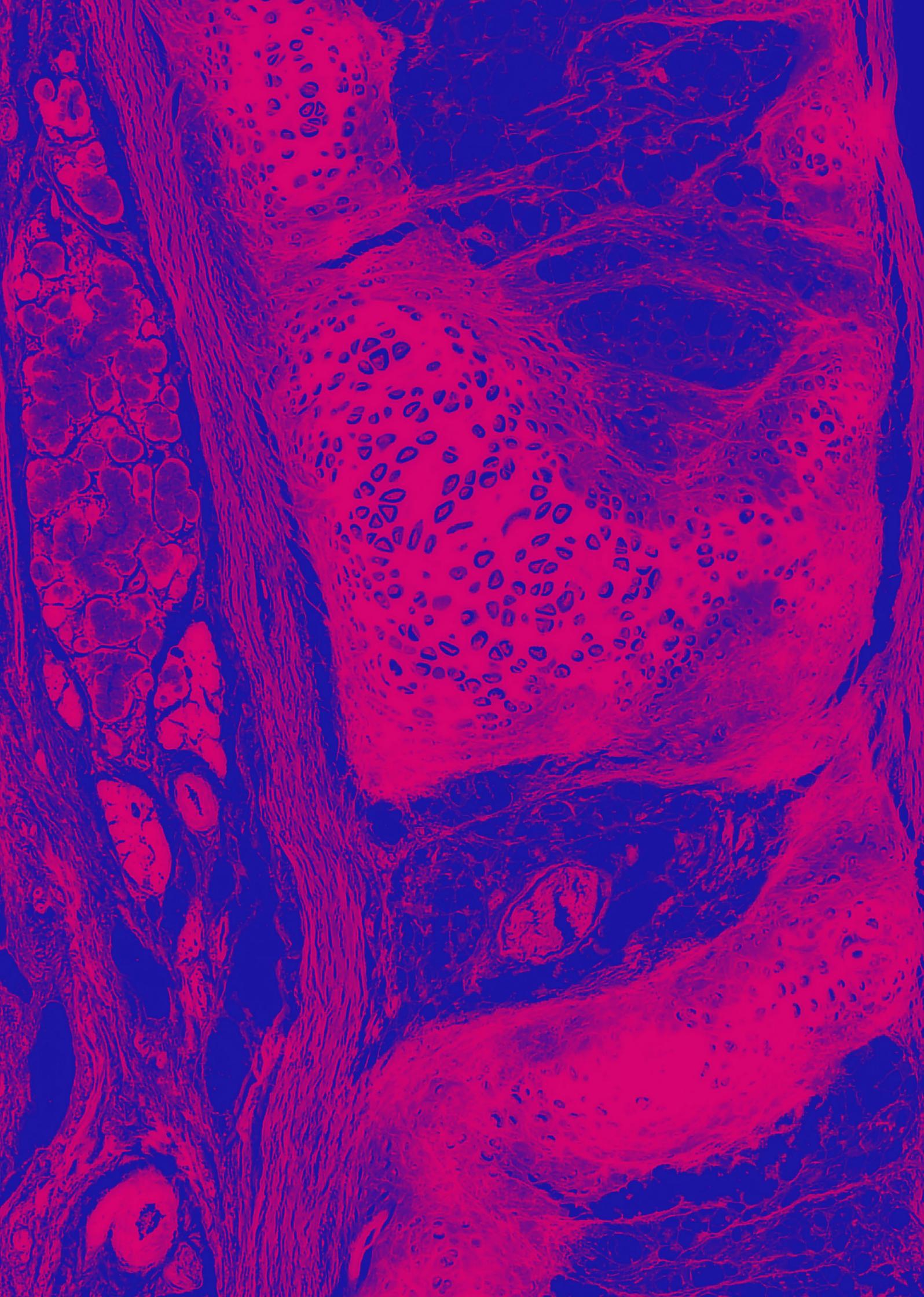
Keywords: aesthetics; polycentric aesthetics; decolonial aesthetics; multiculturalism.

Estética, multiculturalismo y decolonialidad

Resumen:

El texto presenta dos enfoques no eurocéntricos para teorizar la estética, a saber, a) la estética policéntrica de Ella Shohat y Robert Stam, y b) la estética decolonial de Walter D. Mignolo. Después de discutir los dos proyectos teóricos individualmente, la autora establece un diálogo entre ambos, encontrando puntos de convergencia y divergencia entre ellos.

Palabras clave: estética; estética policéntrica; estética decolonial; multiculturalismo.





Gostaria de começar com a ideia de Aimé Césaire de que nenhum grupo “mantém o monopólio da beleza, da inteligência e da força” (CÉSAIRE apud SHOHAT & STAM, 1994, p. 3). Embora a filosofia ocidental-europeia tenha se apropriado para si a categoria da estética, o prazer sensorial e a apreciação da criatividade não são exclusivas desse paradigma. Com isso em mente, este artigo examinará duas abordagens na teorização da estética para além do quadro de referência ocidental-europeia. Através do trabalho de Ella Shohat e Robert Stam sobre a estética policêntrica, examino um modelo multicultural para pensar sobre a estética em quadro de referência não-eurocêntrico (SHOHAT & STAM, 1998). E, através da *aesthesis* decolonial de Walter Mignolo (2010), considerarei o modelo modernidade/colonialidade para pensar a estética no quadro de referência da decolonialidade. Depois de apresentar algumas das ideias principais desses modelos, estabelecerei um diálogo entre ambos, encontrando pontos de convergência e divergência entre eles. Finalmente, esboçarei algumas possibilidades potenciais para a reabilitação da categoria de estética no campo dos estudos visuais.

Multiculturalismo e estética

Shohat e Stam situam seu trabalho sobre a estética policêntrica no contexto de uma estrutura multicultural não-eurocêntrica. Para eles, o eurocentrismo é o precipitado discursivo do colonialismo que funciona como modelo de mundo do colonizador, normalizando as relações de poder hierárquicas geradas pelo colonialismo e pelo imperialismo (SHOHAT & STAM, 1994). E, fundamentalmente, o eurocentrismo é uma espécie de ficção que acaba por achatá-la diversidade cultural tanto em espaços não-europeus como na própria Europa. O eurocentrismo força a heterogeneidade cultural num único ponto de vista paradigmático em que a Europa é vista como a única fonte de significado possível. Essa homogeneização da diversidade cultural é particularmente palpável na arena da produção de imagens; especificamente, através da grande narrativa da “Grande Arte Ocidental”. Nesta história, a arte passa por diferentes estágios, com a mais recente substituindo a anterior em uma espécie de sucessão linear que apresenta uma história progressiva da criatividade humana. Assim, esta narrativa, firmemente situada no mundo ocidental, exalta apenas uma cultura legítima e prescreve apenas um caminho para a criação estética. É construída a partir de uma única perspectiva local; mas se apresenta como central e universal. Os criadores não-europeus são inevitavelmente apresentados como copistas, considerados esteticamente inferiores e atrasados na história progressiva da criatividade humana. Sob um tropo francamente infantilizante, os povos não-europeus são produzidos como “culturalmente imaturos”, sempre tentando alcançar o presumido avanço cultural do Ocidente. No entanto, Shohat e Stam argumentam, todas as culturas – a cultura europeia incluída – são construídas com base em interconexão de longa data entre diferentes povos. A cultura ocidental (se é possível fazer essa generalização) é o resultado de um patrimônio coletivo onde as culturas não europeias não só foram influentes, mas diretamente constitutivas. Nesse sentido, os autores reivindicam a disciplina dos estudos de cultura visual como um campo que interroga como a história da arte e a cultura visual foram narradas, privilegiando determinados locais de produção de imagens em relação a outros. Através de sua reconsideração da estética, Shohat e Stam procuram problematizar a narrativa canônica da história da arte e abrir diferentes estratégias estéticas que vão além do eurocentrismo.

Nesse sentido, Shohat e Stam (1998) defendem uma estética policêntrica. Uma vez que, na sua opinião, a inovação estética surge – não exclusivamente, mas de forma importante – a partir de conhecimentos multiculturais, uma análise policêntrica, dialógica e relacional de culturas visuais torna-se crucial. Uma estética policêntrica, então, se concentraria na dinâmica

Estética, multiculturalismo e decolonialidade

relacional entre culturas, evitando, sobretudo, o privilégio epistemológico de qualquer grupo ou parte do mundo. O “poli-centrismo” na estética policêntrica não se refere a pontos espaciais ou a uma lista finita de centros, eles esclarecem, mas indica um princípio sistemático de diferenciação, relacionalidade e vínculo. Assim, uma estética policêntrica projetaria um conjunto de histórias em outro conjunto de histórias, de modo que as diversas experiências culturais são entendidas como existentes simultaneamente através de uma lógica de coimplicação. O foco seria nas relações globais de produção e recepção artística, considerando as formas em que a arte entre indivíduos, comunidades e culturas fazem parte de um processo de interação dialógica. No entanto, eles são rápidos em especificar, a defesa de uma estética policêntrica não implicaria um nivelamento descuidado que nega todos os critérios de avaliação estética. Em vez disso, sustentaria uma análise histórica da relacionalidade multicultural através da qual uma história é lida contrapontualmente contra outra em um processo de relativização recíproca. Em suma, uma estética policêntrica examinaria a produção cultural em termos de “reversibilidade das perspectivas” (MERLEAU-PONTY apud SHOHAT & STAM, 1998, p. 46), de modo que cada cultura seria capaz de perceber as limitações de sua própria perspectiva social e cultural: ver como é visto e estar pronto para ser transformado por ela.

Decolonialidade e estética

Mignolo (2000, p. 22) aborda a questão da estética ocidental-europeia através de um quadro de referência da modernidade/colonialidade. Ele argumenta que a “modernidade” é uma narrativa europeia que esconde habilmente o lado mais sombrio, muitas vezes mais violento, da colonialidade. De fato, para ele, a modernidade tem uma necessidade intrínseca de colonialidade, uma vez que a exploração, a repressão, a desumanização e o controle da população foram mobilizados para encaminhar “o projeto de modernização”. Neste contexto, a colonialidade não é derivada da, nem contingente à, modernidade; em vez disso, a colonialidade é o lado reverso e inevitável da modernidade. Ele situa o surgimento histórico da modernidade/colonialidade no século 16, quando as condições materiais e epistemológicas para a modernidade foram tornadas possíveis pelo contato da Europa e a conquista das Américas e seus povos. Este se tornou o ponto de partida para o que Enrique Dussel (2008, p. 342) denominou “o mito da modernidade”: a suposta superioridade da Europa sobre o resto das culturas do mundo. As realizações europeias, como o aumento da produção econômica e epistemológica durante o período inicial do tempo moderno, vieram ao custo da descartabilidade da vida humana na busca do aumento da riqueza e do conhecimento; assim, a colonialidade era central para tornar a modernidade diretamente possível. Simultaneamente, o discurso da modernidade manteve a colonialidade escondida, “como seu lado incidental, mas não constitutivo” (MIGNOLO, 2002, p. 459). No entanto, Mignolo esclarece, a colonialidade não é o mesmo que o colonialismo. Para ele, o colonialismo refere-se aos processos e particularidades históricas dos modos do domínio colonial, enquanto a colonialidade descreve a condição contínua de submissão aos legados coloniais. Embora se possa argumentar que historicamente o colonialismo terminou no mundo no século 20, a condição da colonialidade continua hoje como a força estruturante da globalização. Em termos filosóficos, a condição contínua da colonialidade significa que é possível teorizar suas muitas modalidades, como a colonialidade do conhecimento, a colonialidade do ser e a colonialidade da estética.

Concentrando-se na estética na arte, mas não exclusivamente, Mignolo argumenta que a estética participa nos processos coloniais e decoloniais. Para ele, nas origens gregas, a *aesthesis* foi concebida como um processo de percepção de sensações que era comum a todos os seres

vivos com um sistema nervoso. No século 17 na Europa, o conceito de estética foi reduzido e limitado à capacidade de perceber “a sensação de beleza”. Neste momento, nasceu a Estética com um E maiúsculo, assim como a prática da Arte com um A maiúsculo. Esse processo de conversão da estética em Estética é o que Mignolo chama de colonização da estética através da Estética. Isso envolveu a reescritura da história da estética, convertendo o que é uma teoria *particular* que vincula a percepção de estímulos sensoriais com concepções *particulares* de beleza em uma conceituação universal e naturalizada de beleza. Como argumenta Mignolo, não existe uma lei universal que associe a estética a formas particulares de beleza (ocidental). A apreciação da criatividade e a satisfação na sensação são comuns a uma miríade de grupos em todo o mundo. Além disso, a universalização e a naturalização da síntese implicam a desvalorização de qualquer outra forma de experiência estética que não esteja em conformidade com o cânone ocidental porque não foi conceituada nos termos determinados pela Europa de acordo com sua própria experiência sensorial específica. De maneira significativa, a colonialidade da Estética implica a colonização do imaginário dos povos dominados, que por sua vez, perpetua as peças de poder envolvidas nas relações modernas/coloniais. Para Mignolo, é importante revelar a colonização da estética pela Estética para começar a traçar um programa decolonial de estética, que traz à tona as contradições e as dinâmicas de poder que constituem a modernidade/colonialidade.

Convergências e divergências

Tanto a abordagem multicultural de Shohat como a de Stam para a estética e a estética decolonial de Mignolo têm alguns pontos em comum. Em primeiro lugar, eles convergem em sua compreensão de que uma estética do modernismo (Estética com um E maiúsculo) assume um *telos* para o qual os povos não-ocidentais devem evoluir. Isso coloca as culturas não europeias como atrasadas em uma concepção temporal linear da história da produção cultural, condicionando-as a um jogo perpétuo de alcance. Como foi teorizado por Johannes Fabian (1983), esse tipo de construções baseia-se no pressuposto de uma distância espaço-temporal entre a Europa e seus outros. O outro não-europeu é imaginado tão longe do centro europeu, tanto no espaço como no tempo, e conseqüentemente negam contemporaneidade (coetaneidade) com a sua contraparte europeia através de uma organização e classificação de culturas e sociedades ao longo do tempo. Na verdade, Shohat, Stam e Mignolo argumentariam que existem culturas não europeias e europeias e inter-relacionadas em mundos coetâneos; elas se definem mutuamente através de teias de relacionalidade e dependência mútua.

Em segundo lugar, Shohat, Stam e Mignolo discutem a representação como uma ferramenta para perpetuar as hierarquias entre culturas europeias e não europeias. Em um quadro decolonial, por exemplo, a representação é concebida como um dos blocos de construção do imaginário abrangente do mundo moderno/colonial. No entanto, isso não significa apenas a simples mobilização de representações estereotipadas de sociedades não-ocidentais; o importante aqui é que esse privilégio representacional está intrinsecamente ligado à implantação global do poder ocidental. Para Fernando Coronil (1998), isso implica a produção de estilos de representação particulares que retratam os povos não-ocidentais como “outros” em práticas que correlacionam diretamente a alteridade com as exibições ocidentais de poder e expansionismo. Como afirmou Santiago Castro-Gómez (2008), o elemento representacional é fundamental para estabelecer o domínio colonial através de um discurso sobre o “outro” que se enraíza no *habitus* dos dominadores e dominados; sem ele, o poder sobre as colônias é impossível. Ademais, para Mignolo, uma Estética imperial baseada na representação (mimesis)

Estética, multiculturalismo e decolonialidade

facilita a cooptação da estética e resulta em seu empobrecimento como experiência sensorial. Para Shohat e Stam, no entanto, há uma advertência para a importância da representação em uma estética policêntrica. Buscando ir além da representação, Shohat e Stam se concentram mais nas relações de poder estabelecidas dentro e entre diferentes comunidades culturais, destacando a importância da agência na constituição dessas relações. Para eles, um multiculturalismo radical teria menos a ver com artefatos, cânones e representação, e mais com as comunidades por trás dos artefatos. Nesse sentido, eles apontam para as limitações dos chamados “estudos da imagem”. A análise dos estereótipos e suas distorções é problemática porque se baseia em uma associação entre representações e “o real”, apontando para os debates atuais sobre autenticidade ou falta dela. Assim, Shohat e Stam defendem métodos mais multidimensionais, como o foco na configuração institucional, a política da linguagem, a mediação genérica e a variação cultural.

Outra diferença de abordagem é a importância atribuída às posições de sujeito e à agência. Enquanto Shohat e Stam destacam a agência como um fator importante na mobilização de comunidades particulares, elas tendem a se concentrar em coletividades e não tanto nas relações de poder que geram posições específicas, privilegiando, até certo ponto, a categoria de Estado-nação. Mignolo, por outro lado, reivindica a importância de uma re-politização da posição do sujeito criativo. Citando um artista contemporâneo, ele ressalta o significado de questionar as condições de nossas vidas e como nossas vidas são produzidas a partir de nossa subjetividade específica. Portanto, a falta de localização implícita na estética *policêntrica* de Shohat e Stam não aborda totalmente como as pressões do poder e do conhecimento constituem subjetividades, especialmente no caso dos trabalhadores criativos; enquanto a posição de Mignolo não se concentra nas redes e nas comunidades de influência que cercam os produtores culturais. Nesse sentido, ambas as abordagens se complementam e ajudam a preencher os espaços em branco uns dos outros.

Avenidas

Algumas das avenidas apresentadas por estas duas abordagens fornecem alternativas para considerar a dimensão estética das imagens em estudos de cultura visual. Por exemplo, a ênfase de Shohat e Stam no estabelecimento de conexões entre áreas tipicamente compartimentadas é muito interessante. Para eles, uma estética policêntrica faz conexões em termos transtemporais e trans-espaciais, através de diferentes disciplinas, em termos intertextuais (eliminando a distinção erudita entre produção cultural e popular) e em termos conceituais (unindo colonialismo, imperialismo e nacionalismo do Terceiro Mundo em uma relação produtiva). Centralmente, Shohat e Stam reafirmam a importância da linguagem visual como parte integrante da cultura e da história; como um princípio complexo de ativação e um ponto de entrada em um mundo multidimensional de dialogismo intertextual.

Mignolo, por sua parte, vai além das abordagens tipicamente anglo-cêntricas das teorias pós-coloniais para a análise cultural, destacando sua localização como um acadêmico latino-americano que produz conhecimento num centro de poder ocidental. Para ele, o posicionamento político do produtor de conhecimento ou de artefatos culturais é central e deve ser permanentemente questionado. Ademais, a história e sua reescrita são fundamentais para uma abordagem decolonial na medida em que a produção de formas particulares de conhecimento perpetua relações de poder assimétricas específicas. Mignolo ressalta que o papel dos produtos e instituições culturais é fundamental na reescrita da história. Além disso, a arte e a cultura em geral têm a capacidade de romper a retórica da modernidade, evidenciando as expectativas



naturalizadas que operam na colonialidade do sentir. Ao trazer à tona coisas que permaneceram escondidas e negadas, a arte pode ser em si mesma uma ferramenta contra a opressão e a negação. Em suma, uma arte decolonial, uma estética decolonial, asseguraria que não pudesse ser cooptada, simplificada ou limitada através da representação.

Estas são apenas algumas das avenidas resultantes do pensamento de uma estética outra. A abordagem policêntrica destaca os vínculos horizontais e verticais que inundam comunidades culturais em uma rede conflituosa, enquanto uma estética decolonial sublinha a importância da arte para desmontar projetos e discursos imperial-coloniais com o objetivo de imaginar subjetividades e futuros decoloniais. O que é importante lembrar aqui é que, em muitos casos, as estratégias de resistência e descolonização já estão acontecendo no terreno através da prática cultural compreendida em seus sentidos mais amplos.

Referências

- CASTRO-GÓMEZ, S. (Post)Coloniality for Dummies: Latin American Perspectives on Modernity, Coloniality, and the Geopolitics of Knowledge. In: MORAÑA, M; DUSSEL, E.; JÁUREGUI, C. A. (Org.). **Coloniality at Large: Latin America and the Postcolonial Debate**. Durham/London: Duke University Press, 2008, p. 335-349.
- CORONIL, F. Más allá del occidentalismo: Hacia categorías geohistóricas no-imperialistas. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; MANDIETA, E. (Org.). **Teorías sin disciplina**. Latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate. Mexico: Miguel Ángel Porrúa Ed, 1998, p. 121-146.
- DUSSEL, E. Philosophy of Liberation, the Postmodern Debate, and Latin American Studies. In: MORAÑA, M; DUSSEL, E.; JÁUREGUI, C. A. (Org.). **Coloniality at Large: Latin America and the Postcolonial Debate**. Durham/London: Duke University Press, 2008,.
- FABIAN, J. **Time and the Other: How Anthropology Makes Its Object**. New York: Columbia University Press, 1983.
- MIGNOLO, W. **Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking**. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- MIGNOLO, W. Introduction and Commentary. In: ACOSTA, J. de. **Natural and Moral History of the Indies**. Durham/London: Duke University Press, 2002.
- MIGNOLO, W. Aesthesis decolonial. **Calle14**, v. 14, n. 4, p. 10-25, 2010.
- SHOHAT, E.; STAM, R. **Unthinking Eurocentrism: Multiculturalism and the Media**. London: Routledge, 1994.
- SHOHAT, E.; STAM, R. Narrativizing Visual Culture: Towards a Polycentric Aesthetics. In: MIR-ZOEFF, N. (Org.). **The Visual Culture Reader**. London: Routledge, 1998, p. 27-52.